

Uma narrativa quixotesca em Moçambique*

Doutoranda Nilsa Areán-García¹ (USP)

Resumo:

Ainda que pela distância temporal e cultural, este trabalho visa a uma aproximação entre a obra "Terra sonâmbula" do escritor moçambicano da atualidade, Mia Couto, e "El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha", obra de Miguel de Cervantes. Sabemos que o final do século XX em Moçambique muito difere do início do século XVII na Espanha, entretanto encontramos na obra Dom Quixote uma escrita que impressionou e cunhou marcas nos mais variados escritores e estilos que a sucederam independentemente de cultura e/ou credo, inclusive na literatura africana.

Palavras-chave: literatura comparada, interpolação narrativa, hipertextualidade, níveis narrativos, plano onírico

Introdução

Ao estudar a obra prima de Cervantes, “El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha”, abre-se diante de nós uma gama muito grande de multiplicidades, ou seja, há uma diversidade de leituras possíveis evidenciadas por redes de paralelos e diálogos entre as mais distintas formas, gêneros, temas, personagens e suas ações dentro da narrativa, o que origina um mosaico a ser montado pelo leitor no decorrer do livro.

Devido a essa peculiaridade, durante o Romantismo, em geral, a leitura que era feita destacava os aspectos trágicos da obra: Dom Quixote como incompreendido, com seu amor platônico e que morre no final do romance. Já, os ditos pertencentes ao movimento realista, ao contrário, costumavam fazer uma leitura cômico-irônica da obra, leitura esta que perdurou até o século XX. Somente a partir de meados do século XX começaram a fazer leituras de forma a abarcar a multiplicidade que pode ser encontrada na obra cervantina, sob vários pontos de vista.

Graças à multiplicidade também houve diversas traduções do Quixote para o mesmo idioma. Sergio Molina, tradutor para o português da primera parte do Quixote, explica nos “Cadernos de Literatura e Tradução” da FFLCH (2003): “o desafio no Quixote não é tanto o da unidade, e sim o da variedade. Claro que é preciso manter o prumo para não escorregar nesse vaivém.”

Em 1898, Richard Strauss estreiou seu poema sinfônico “Don Quixote”, no qual captando a diversidade, a transpôs para a música com uma composição de estilos, gêneros e sons inusitados. Também na pintura e na poesia muitos artistas, por exemplo, Picasso, Dali, Portinari/Drummond; fizeram suas leituras particulares da obra cervantina e a partir dela compuseram suas obras esplendendo os seus pontos de vista dentro da multiplicidade que encontraram. No entanto, nem todos os artistas expressaram ou expressam sua leitura do Quixote de forma tão evidente quanto os mencionados anteriormente. Muitos deles, principalmente os escritores, ficam embuídos de suas leituras do Quixote, processando-as dentro de suas obras e recriando as técnicas narrativas empregadas por Cervantes, e uma delas que tem sido muito usada desde o movimento modernista é a interpolação de histórias na trama principal. O moçambicano Mia Couto é um desses escritores atuais que consegue processar a multiplicidade e as técnicas narrativas empregadas por Cervantes, dando-lhes com sua criatividade peculiar um toque único e especial.

* Agradeço, neste trabalho, a orientação da Dra. Rejane Vecchia, especialista na obra de Mia Couto, e professora de Literatura Africana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Em particular, o livro “Terra sonâmbula” de Mia Couto, publicado em 1992, conta a história do velho Tuahir e do menino Muidinga, refugiados da guerra que, caminhando por uma estrada abandonada, abrigam-se em um machimbombo (ônibus) destruído pelo fogo. Ao sepultarem os mortos que no veículo estavam desfigurados pelo incêndio, encontram mais um corpo, morto à queima-roupa e, ao lado dele, uma mala com os onze cadernos de Kindzu, personagem que, através destes escritos, narra sua própria história. O romance flui então em onze capítulos nos quais dois planos são interpolados: o primeiro, em terceira pessoa, narra a história de Tuahir e Muidinga em sua luta diária pela sobrevivência na estrada; e o segundo, narrado em primeira pessoa, é a história de Kindzu, um diário escrito em seus cadernos que relata as suas andanças durante a guerra civil em Moçambique em busca dos naparamas que são “guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra. Nas terras do Norte eles tinham trazido a paz. Combatiam com lanças, zangaias, arcos. Nenhum tiro lhes incomodava, eles estavam blindados, protegidos contra balas” Mia Couto (2007: 26-27). A interpolação principal se dá pela leitura do diário de Kindzu pelo menino Muidinga em voz alta ao velho Tuahir, embora, no diário também haja interpolações de histórias, como também nas andanças do velho e do menino.

Assim, a partir do romance moçambicano pode-se traçar, desde já, um paralelo comparativo tomando como base a estrutura de Dom Quixote: o contexto das guerras que envolve as duas obras; a presença do onírico e a necessidade de sonhar do ser humano; as duas personagens que caminham juntas e são ao mesmo tempo antagônicas e complementares: o escudeiro e o cavaleiro, o velho e o menino; o paradigma entre a escrita e a oralidade; as histórias interpoladas e os vários níveis narrativos, principalmente no que tange o episódio “El Curioso Impertinente”, novela encontrada em uma valise e lida na taverna pelas e para as personagens que ali se encontravam, os cadernos de Kindzu encontrados em uma mala lidos pelo menino ao velho Tuahir; o entrelaçamento das narrativas intercaladas fundindo as ações, espaços, tempos e personagens à polifonia em um único texto.

1 O contexto das épocas em cada obra

Sabe-se que no Renascimento há uma certa harmonia entre as variedades contraditórias, como por exemplo, entre a natureza e a razão, a vida e a morte, o sonho e a realidade. Além disso, deve-se levar em conta que a vida de Miguel de Cervantes passou-se em meio a um ambiente bélico, tendo participado da batalha de Lepanto em 1571, e também tendo sido feito prisioneiro e escravo. Inevitavelmente encontrar-se-á, em sua obra, o choque do sonho com a realidade e, conseqüentemente, a presença do entorno vivido na ficção, por exemplo ao estabelecer um paralelo entre a história interpolada de “El Capitán Cautivo” e o período em que Cervantes foi escravo em Argel.

De modo análogo, as histórias individuais dos protagonistas de “Terra sonâmbula”, que nem mesmo se conhecem, acabam por se fundir e se confundir, uma vez que retratam o mesmo universo: a população num fogo cruzado entre a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que assumiu o poder após a independência, em 1975, tornando-se assim o partido do governo, e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), o partido de oposição. Dois anos depois do fim de um período de onze anos de guerra colonial, o país é assolado por uma guerra de desestabilização não-compreendida por sua população civil, que se vê obrigada a abandonar suas terras e a vagar, fugindo de seus próprios irmãos armados. Nessa caminhada, cada qual busca, ao lado da sobrevivência diária, reencontrar a sua identidade, sua memória histórica e sua cultura, evidenciando no romance o plano do sonho e o plano da realidade, impostos pelo contexto.

Nas duas obras podem-se notar, então, os níveis narrativos que exploram a realidade histórica e social ao lado da ficção, desdobrando-se sobre níveis que exploram o sonho e a necessidade de evasão do ser humano por meio da leitura. Por exemplo, na obra cervantina quando Alonso Quijana acredita, após a leitura de várias novelas de cavalaria, ser um cavaleiro andante, sugere um nível de evasão da personagem em busca de determinados valores nobres. No entanto, no nível da realidade, a estadia e os consumos feitos na taverna devem ser pagos independente do *status* do consumidor,

daí os níveis do sonho e da realidade se entrelaçam e se chocam. Analogamente, em “Terra sonâmbula”, a leitura dos cadernos de Kindzu fornecem o nível de evasão à Muidinga e Tauhir, que precisam reacender valores tais como a esperança de reencontrar as suas identidades, ao passo que a realidade diária é expressa por um nível no qual despontam o medo e a desconfiança, além da efemeridade da busca momentânea de alimentação e de abrigo.

2 A interpolação de histórias

Pode-se dizer então que os níveis narrativos são elementos não-lineares, pois, conjugam o plano do real e o do ficcional, o da narração e o da incorporação deste papel por outras personagens, dentro de um texto que alcança a simultaneidade e aborda a multiplicidade de temporalidades na busca da convergência entre os seus vários níveis. Assim, os tempos acabam se desdobrando um sobre o outro, ou seja, há o tempo histórico, o tempo da narrativa, o tempo da escrita, o tempo da leitura e, para terminar, o tempo fragmentado pelo leitor no decorrer das páginas do livro. É o que ocorre nas duas obras, na de Cervantes e na de Mia Couto, onde o passado e o presente se fundem em um mesmo tempo de ficção, abarcam o tempo da escrita, por exemplo, dos cadernos de Kindzu e dos escritos de Cid Hamete Berengueli; o tempo da leitura, por exemplo, dos cadernos feita pelo menino ao velho e da leitura de “El Curioso Impertinente” feita na taverna; e que, por sua vez, concorrem com o tempo do leitor e de sua organização da narrativa.

Sabe-se que um texto linear parte de um ponto e vai se desenvolvendo dentro de uma seqüência, de maneira encadeada, numa visão de continuidade, e nesse sentido, o elemento temporal é importante, posto que serve como um dos organizadores da narrativa. Por outro lado, no caso das duas obras, a interpolação das histórias desvia o texto de sua linearidade, mas permite que seja pensado multidimensionalmente e possibilita que o leitor escolha caminhos e alternativas próprios, diante das várias conexões que para ele se abrem, apresentando, assim, as características ditas hipertextuais. Por meio da hipertextualidade, a narrativa interpolada interrompe o tempo ao unir o passado ao presente, instaurando a simultaneidade temporal e buscando um possível encontro entre os seus objetivos nas temporalidades distintas, ou seja, a visão dos fatos no seu presente se faz pela compreensão de um passado, apreendido através de um plano interpolado. Torna-se, então, necessário o rompimento da seqüencialidade, a instalação de um movimento que oscila num ir e vir, continuamente, muitas vezes aos saltos, numa busca contínua pela simultaneidade de cada fragmento lido em planos temporais distintos. Por exemplo, no Quixote, a leitura da novela de “El Curioso Impertinente” irrompe em meio ao desenvolvimento da história de Cardênio e Lucinda, por eles é lida e comentada na taverna, que por sua vez é uma história, que contém memórias, e que irrompe em meio às andanças de Dom Quixote, que é a trama principal narrada e comentada ao leitor a partir da tradução dos escritos de Cid Hamete Berengueli. Assim, o tempo da história de “El Curioso Impertinente” passa a ser o tempo presente narrativo na voz de seu leitor ficcional, que também é personagem da história de Cardênio e Lucinda, que por sua vez é narrada para o leitor atual, trazendo-a ao presente narrativo atual, que é também o presente narrativo da história de Cardênio e Lucinda e, ainda, o presente das andanças de Dom Quixote e de seu narrador, ou seja, uma fusão dos tempos narrativos em um só. De maneira análoga ocorre em “Terra sonâmbula” com a história do nascimento das gêmeas, Farina e Carolinda, que é narrada para Kindzu, escrita em seu diário e lida por Muidinga, fazendo com que o nascimento das gêmeas venha ao tempo presente do leitor, pois é um passado que precisa ser lembrado. Já, em outro fragmento dos cadernos, a mesma história volta a ser contada quando Kindzu se apaixona pelas gêmeas e, então, o passado precisa ser vivido no presente narrativo como parte da identidade das duas irmãs. Assim, nas duas obras as histórias interpoladas pertencem a espaços e tempos distintos que, justamente por suas diferenças e diversidades, se complementam e se fundem reforçando a necessidade de um leitor ativo para articular essa multiplicidade por meio de relações que porventura possam existir entre as personagens, suas ações e seus espaços.

É interessante notar também que num texto não-linear pode aparecer um deslocamento de papéis entre o narrador e o leitor, o mesmo pode ocorrer entre as diferentes vozes narrativas, promovendo um dialogismo constante. Aparentemente, o escritor tenta dissimular a sua presença, escondendo-se entre as vozes narrativas, ao passo que as personagens podem alternar-se em vários papéis, dentre eles, o de narrador e o de leitor. Neste sentido, o ficcional conjuga-se com a realidade do leitor, fundindo-se no seu tempo e espaço, e provocando um efeito de aproximação durante a narrativa do texto. Para o leitor resta, ainda, o trabalho de montagem e unificação de vários fragmentos, por meio das relações por ele estabelecidas e interpretadas durante a leitura interpolada de referências, de auto-referentes e mesmo de alusões ao contexto sócio-cultural; pois, diante da existência de elementos que impedem a realização de um percurso linear pela leitura é necessário que o leitor esboce um mosaico proposto pela obra. Assim, cada leitor e cada leitura prestigiará determinadas relações entre os fragmentos, construindo um próprio mosaico que reflete a obra.

Conseqüentemente, as histórias interpoladas que entrecortam a narrativa das duas obras acabam por apontar para relações flexíveis no esboço de um mosaico possível. Por outro lado, para a construção dessas relações parece necessário observar que a estrutura narrativa é envolta entre o fio condutor que é constantemente interrompido, mas que também interrompe a(s) história(s) intercalada(s), apresentando, segundo VIEIRA(1998), “contornos da vida social e existencial que vão sublinhando seu caráter puramente fantasioso e imaginário”.

3 O sonho nas obras

As obras ficcionais em geral direcionam os seus leitores a, entre outras atividades, um exercício do desenvolvimento da fantasia pelo imaginário. Considerando-se que um dos produtos da faculdade de imaginar, de criar pela imaginação, possa ser vivenciado na forma de sonho; então a leitura de uma obra ficcional, em geral, conduzirá, de alguma forma, à evasão e ao plano onírico. Em particular nas duas obras em questão, conforme já foi visto, algumas personagens também são leitores e, portanto, podem ser conduzidas por suas leituras à evasão e ao plano onírico. Por outro lado, a própria trama ficcional pode apresentar a capacidade de sonhar às suas personagens.

Sabe-se que, no âmbito da psicanálise, o sonho é um conjunto de imagens, lembranças ou impulsos inconscientes, condensados, elaborados, simbolizados ou então distorcidos, que se experimenta especialmente durante o sono, mas também em outros lapsos de atenção, ou em momentos de evasão e cujo significado é normalmente oculto para o ego. Já, no âmbito lexical, o sonho pode significar desejo vivo, intenso, veemente e constante; aspiração, anseio; idéia ou ideal dominante que alguém ou um grupo busca com interesse ou paixão; visão involuntária que ocorre a uma pessoa em estado de vigília.

Considerando-se o âmbito da psicanálise, a interrupção da trama principal por uma história interpolada corresponde a um conjunto de imagens ou lembranças que irrompe durante as ações das personagens em um dado momento narrativo, ou seja, é o momento próprio à evasão das personagens; apresenta-se, assim, uma técnica narrativa, por meio de interpolações que alternam o plano da realidade com o plano onírico, que sugere a capacidade e mesmo a necessidade de sonho pelas personagens ficcionais. Convém lembrar também que a interpolação de histórias promove a simultaneidade temporal narrativa, assim, considerando-se o âmbito lexical do sonho, as lembranças serão trazidas ao tempo presente e revividas, bem como as aspirações e desejos serão as fantasias concretizadas no plano onírico, fornecendo uma expectativa de transformação potencializada.

Tanto no romance de Mia Couto como na obra prima de Cervantes são as histórias contadas ou lidas que proporcionam às personagens os momentos de fantasia e devaneio por meio do sonho. Nos dois romances isto é obtido através da técnica da interpolação de histórias, pois as personagens são as próprias leitoras de algumas histórias que narram outras histórias. As tramas ficcionais das duas obras, bem como a complexidade psicológica das personagens também sugerem a busca de

uma identidade autêntica, caracterizada por valores a serem resgatados e restituídos para totalizar o indivíduo. Por exemplo, Dom Quixote está em busca, entre outros, dos nobres valores da cavalaria andante; Muidinga e Tuahir procuram os valores sociais anteriores à guerra, tais como a união familiar, as amizades, a propriedade da terra. Tal autenticidade pode ser vivenciada por completo somente em sonho, isto é, em um estado de vigília que associa-se, metaforicamente ao sono. A necessidade do sono como plano onírico do sonho está sugerida em Cervantes no episódio interpolado “El Curioso Impertinente”, pois é durante a leitura desta história que Dom Quixote dorme e em seu sono sonâmbulo luta contra os sacos de vinho. Também aparece sugerida em Mia Couto, quando o velho Tuahir pede ao menino Muidinga que leia mais um pouco da história dos cadernos de Kindzu para que ele possa dormir.

No romance de Mia Couto, “Terra sonâmbula”, muitas das histórias vividas e narradas pelas personagens envolvidas nas tramas mostram a desventura de populações castigadas por prolongadas e incompreensíveis guerras, este castigo é ainda aguçado com as intempéries naturais do solo moçambicano, com as fortes e impiedosas enchentes alternadas com os longos períodos de seca. Como se não bastasse, os moçambicanos são ainda assolados pela miséria e pela pilhagem promovida, em grande parte, por outros povos, mas também pelos próprios irmãos corruptos quando no poder, que se aproveitam da situação de desestabilização para obter vantagens, principalmente econômicas. Para sobreviver diante de tantas dificuldades é necessário sonhar, pois o sonho é, no contexto, o sinônimo de fé e de esperança na vida e é por meio dele que se resgatam a identidade e a dignidade humanas, muitas vezes esquecidas durante as guerras. Desse modo, no romance “Terra sonâmbula” é o aspecto onírico, a capacidade de sonhar, um dos principais aspectos observados na trama, sendo destacado já pelas três epígrafes que abrem o livro; entre elas a que reproduz uma fala de Tuahir: “O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro” e a epígrafe que indica a crença dos habitantes de Matimati:

Se dizia daquela terra que era sonâmbula. Porque enquanto os homens dormiam, a terra se movia espaços e tempos afora. Quando despertavam, os habitantes olhavam o novo rosto da paisagem e sabiam que, naquela noite, eles tinham sido visitados pela fantasia do sonho. MIA COUTO(2007: 6).

No romance de Cervantes a situação da necessidade de viver um momento onírico não é diferente. As dificuldades provenientes de momentos de guerra e as amarras impostas pela igreja e sociedade da época que discriminam as pessoas mais velhas, as de outra cultura e/ou as que se portem de maneira um pouco diferente diante do esperado pela sociedade, por um lado sufocam e oprimem, por outro lado promovem o devaneio onírico e as fantasias que somente são possíveis no sonho. Assim, Alonso Quijana se transforma em Dom Quixote e vive todas as fantasias de um cavaleiro andante, como por exemplo, luta contra os gigantes convertidos em moinhos de vento; levado à fantasia e ao sonho pelas suas leituras de novelas de cavalaria. Em “Terra sonâmbula”, Kindzu quer se unir aos guerreiros naparamas para lutar contra os “fazedores de guerra”, também levado à fantasia e ao sonho pelas histórias que ouviu contadas pelos mais velhos.

Conclusão

O sono e o dormir representam, nestas obras, a vigília, ou seja, o onírico. O sono e o dormir são as dimensões nas quais o sonho e as fantasias são permitidas, onde tudo é possível, e é o que potencializa a transformação do desejo em realidade no momento do presente narrativo. É nesse plano onírico que as personagens vivenciam a sua totalidade, que encontram sua identidade autêntica, que conseguem encontrar os valores que buscavam, promovendo, no mosaico da diversidade montado, um processo real de humanização despertado pela leitura.

Dessa forma, não é um paradoxo afirmar que o cultivo do sonho pela leitura estampado no romance “Terra sonâmbula” é uma marca cuja gênese já está presente na narrativa cervantina de Dom Quixote.

Referências Bibliográficas

- [1] AUERBACH, E. “A Dulcinéia Encantada” en: *Mimesis*. Trad. Suzi Sperber. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- [2] BARONE, M. H., *Uma história de relações humanas: a traição e a curiosidade na trama de “El Curioso Impertinente”*. <http://www.hispanista.com.br/revista/artigo19.htm>
- [3] CERVANTES, M. *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Edición de Joaquín Casaldueiro. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- [4] CERVANTES, M. *El Ingenioso Caballero Don Quijote de la Mancha*. Edición de Joaquín Casaldueiro. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- [5] FLORES, R. M. “El curioso impertinente” y “El capitán cautivo,” *novelas ni sueltas ni pegadizas*. En: Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America, 20.1 (2000).
- [6] FRY, P. (Org.). *Moçambique - ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- [7] GONÇALO AFONSO, R. *Terra Sonâmbula - O Sonho Movendo a Estrada*. www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xiiicongresso/cdrom/html/cadernosderesumos/LivroIC.doc/; br.geocities.com/fabiofrohwain/Anais.pdf
- [8] MARTÍNEZ-BONATI, F. *El Quijote y la poética de la novela*. Alcala de Henares: Centro de Estudios Cervantinos, 1995.
- [9] MIA COUTO. “Moçambique - 30 anos de independência: no passado, o futuro era melhor?” In: *Via Atlântica*, nº 8 dez/2005.
- [10] MIA COUTO. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- [11] MIA COUTO. Entrevista concedida ao Círculo de Leitores. www.circuloleitores.pt/cl/artigofree.asp?cod_artigo=68379
- [12] MIA COUTO. Entrevista concedida na FFLCH USP em 27/03/2008.
- [13] MOCHIUTI, R. *A realidade e seus simulacros*. http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=78&cod_not=586
- [14] NEUSCHÄFER, Hans-Jörg. *La ética del “Quijote”*. Madrid: Gredos, 1999.
- [15] ORIEL, C. Narrative Levels and the Fictionality of Don Quijote, I: Cardenio's Story. Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America 10.2 (1990).
- [16] SECCO, C. L. T. R. “Mia Couto e a “incurável doença de sonhar””. In: *Letras em Laços*. Maria do Carmo Sepúlveda e Maria Teresa Salgado (Org.). RJ: Atlântica, 2000.
- [17] VIEIRA, Maria Augusta da Costa. *O dito pelo não dito - paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1998.
- [18] VIEIRA, Maria Augusta da Costa. “Um Diálogo Ibero-Americano: Cervantes, Garret e Machado”. In: *Via Atlântica*, nº 2 jul/1999.

Autor(es)

¹ **Nilsa AREÁN-GARCÍA, Mestre e Doutoranda**

Universidade de São Paulo (USP)

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Bolsista da FAPESP

nilsa_577@yahoo.de